

Tensão, conhecimento e poder

Seraphim Pietroforte

tensão e significação na teoria semiótica

Diferentemente da semiologia, cujo domínio se estende aos sistemas de signos, a semiótica de Algirdas Julien Greimas cuida do processo de significação, descrito mediante o modelo teórico do percurso gerativo do sentido; tal formulação, apesar de consensual entre os semioticistas, admite reelaborações, incorporando-se a ela novas propostas, entre elas, tópicos de semiótica tensiva. No modelo tradicional, no primeiro nível de geração do sentido, chamado nível fundamental, define-se a categoria semântica capaz de organizar a totalidade do discurso; para mostrar algumas propostas da semiótica tensiva referente ao tópico, eis o poema “Dois e dois: quatro”, de Ferreira Gullar (Gullar, 1981: 234):

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena

Em nível fundamental, o discurso do poema se orienta pela categoria semântica *opressão vs. liberdade*; no poema, há referências a um tempo quando, tomado pela *opressão*, ainda se preservam sinais de *liberdade* e há, ainda, promessas do futuro, regido por ela. Dessa maneira, o vocabulário adquire sentido na relação entre os significados lexicais e a categoria semântica, pois a “pele morena”, os “olhos claros”, o “oceano azul” e a “lagoa serena” realizam os valores de *liberdade*, enquanto o “pão caro” e a “liberdade pequena”, contrariamente, realizam os valores de *opressão*.

Em vista disso, se o sentido se organiza em redes de relações, cada termo simples da categoria se define em relação ao outro, por isso, a categoria se manifesta na relação *opressão vs. liberdade*; tal articulação, por sua vez, aborda-se de, pelo menos, duas maneiras: (1) o enfoque recai sobre os termos simples, tratando dos elementos descontínuos; ou (2) se detém na relação propriamente dita, enfocando a tensão que a constitui.

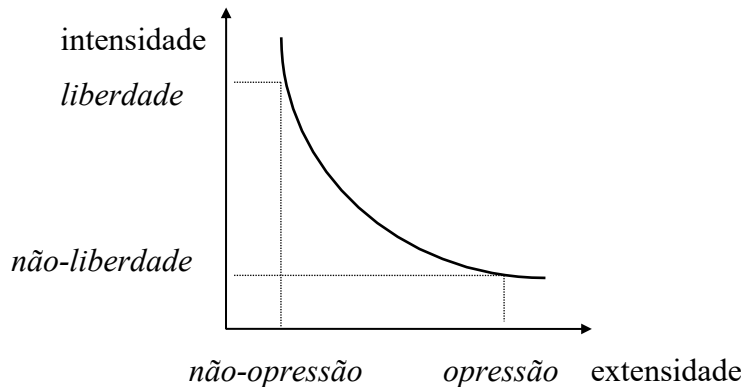
Dessa perspectiva, em *Tensão e significação* (Fontanille e Zilberberg, 2001), Jacques Fontanille e Claude Zilberberg apresentam uma síntese dos avanços da semiótica tensiva; para analisar os aspectos contínuos da significação, os autores descrevem seus fundamentos definindo o espaço tensivo formado, exatamente, por dois eixos, isto é, o eixo da intensidade e o eixo da extensidade (Fontanille e Zilberberg, 2001: 19-20).

Quando se concebem grandezas do ponto de vista da continuidade, logo, mediante gradações, tal grandeza se chama, segundo a semiótica tensiva, profundidade (Fontanille e Zilberberg, 2001: 20). Dessa forma, a relação *opressão vs. liberdade* não se define absolutamente, havendo gradações em cada termos simples, variando da *não-opressão* para a *opressão* e, semelhantemente, da *não-liberdade* para a *liberdade*; dessa perspectiva, as gradações geradas entre a negação e a afirmação constituem orientações, constituindo-se, portanto, duas profundidades, uma da *opressão* e outra da *liberdade*.

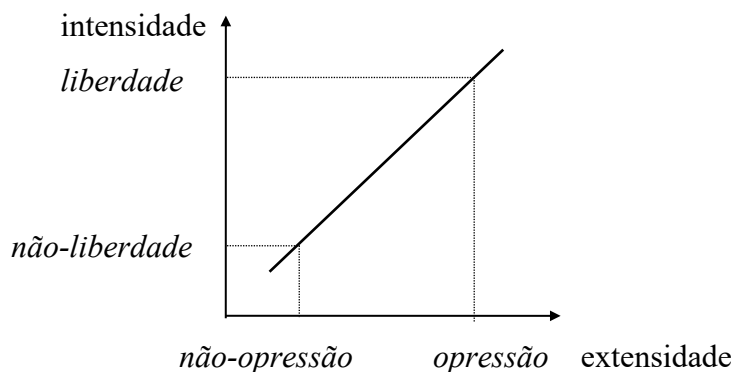
Sendo assim, na relação entre duas profundidades, numa se define a intensidade e, na outra, a extensidade: (1) configura-se intensidade a profundidade que recebe a tonicidade sensível, capaz de demarcar, em meio à extensidade, acentuações tônicas; e (2) configura-se extensidade a profundidade na qual se demarca como o fluxo de atenção se condiciona (Fontanille e Zilberberg, 2001: 19).

Na semiótica tensiva, intensidade e extensidade constituem dois eixos organizados em função do sujeito da percepção, quem, por sua vez, concebe uma grandeza estendendo-se na apreensão do mundo – a extensidade – e outra, com enfoque tônico – a intensidade – capaz, por sua vez, de sensibilizar a apreensão. No poema de

Ferreira Gullar, a *opressão* se torna extensiva, pois a apreensão no discurso se condiciona por ela, e a *liberdade*, intensiva, pois, com ela, demarcam-se acentos tônicos no seio da opressão. As duas profundidades se representam na tensão estabelecida entre elas; dessa forma, em uma possibilidade de leitura, conforma a liberdade aumenta, a opressão diminui ou vice-versa. Logo, eis o esquema:



Nessa correlação inversa entre as duas profundidades, define-se a curva tensiva que organiza o sentido no poema de Ferreira Gullar; nos versos, necessariamente, nega-se *opressão* para afirmar a *liberdade*. Em outra possibilidade, contrariamente à primeira, quando a *opressão* cresce, cresce também a *liberdade*, estabelecendo-se a correlação conversiva; nos discursos da extrema direita, por exemplo, quando se diz “bandido bom é bandido morto”, desconsiderando a injustiça social, quanto mais repressão, maior se tornaria a liberdade civil do suposto cidadão de bem:



A relação entre a intensidade e a extensão se chama valência, com a qual se criam condições para a emergência dos valores (Fontanille e Zilberberg, 2001: 20); os valores de *opressão* e *liberdade*, portanto, manifestam-se na valência gerada no espaço

tensivo formado. Assim definido, esse é o conceito de tensão levado adiante nas considerações a propósito do tema tensão, conhecimento e poder.

as dimensões cognitiva e pragmática na geração do sentido

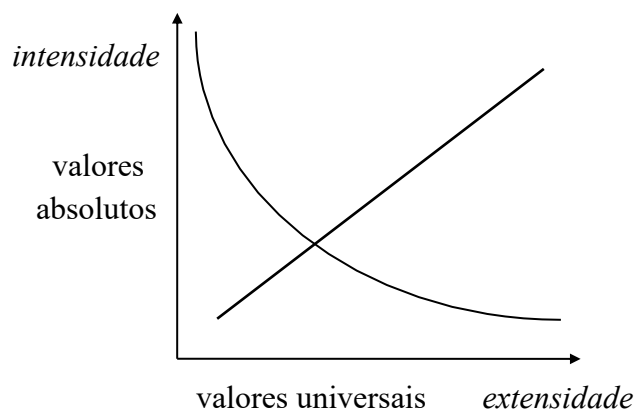
Na geração do sentido, em semiótica se distingue a dimensão cognitiva, relativa ao saber, da dimensão pragmática, relativa ao poder; no percurso gerativo do sentido – ainda recapitulando –, entre os níveis fundamental e discursivo, define-se o nível narrativo, no qual se descreve o esquema narrativo, sistematizado nas relações juntivas entre sujeitos e objetos narrativos.

Isso posto, no poema “Dois e dois: quatro”, o sujeito se encontra em disjunção com o objeto de valor *liberdade*, sem conseguir modificar tal estado e retomar a conjunção; a incapacidade de realizar a performance se dá porque, apesar de permanecer em conjunção com o *saber*, encontra-se em disjunção com o *poder*. No poema, o sujeito narrativo possui o *saber* permitindo-lhe reconhecer que a alegria lhe acena por trás do terror, porquanto espera e afirma “a vida vale a pena”; contudo, ele carece do *poder* para, enfim, afirmar plenamente a *liberdade*. Esse texto foi escrito durante a ditadura militar, instaurada pelo golpe de estado que assolou o Brasil em 1964, portanto, sabe-se que a carência de *poder* coincide com a opressão fascista dos agentes da ditadura. Assim, o *saber-ser* ocorre junto ao *não-poder-fazer*, imposto pelo anti-sujeito ditadura, determinado pelas relações do discurso do poema com os demais discursos do mesmo período histórico. Nessas circunstâncias, apenas a conjunção com os dois objetos modais *saber* e *poder* garante as condições para realizar a performance; conseqüentemente, as dimensões cognitivas do sentido, relativas ao *saber*, admitem ser separadas das dimensões pragmáticas, relativas ao *poder*.

Dessa forma, separadamente, *saber* e *poder* se referem a duas dimensões distintas na geração do sentido; a primeira se refere às formas de conhecer e classificar o objeto de valor e a segunda, às possibilidades de o abordar e de agir sobre ele. Resta determinar, então, à medida que se realizam no mesmo discurso, como as duas dimensões se relacionam. Em vista disso, se em todo discurso se justificam ideologias, em todo discurso há distribuição dos valores justificados; tal distribuição de valores atinge as formas de *saber* e *poder*, pois as formas de conhecer e o agir se erigem ideologicamente.

Retomando a semiótica tensiva e a distribuição de valores na relação *intensidade vs. extensidade* (Fontanille e Zilberberg, 2001: 40-47): (1) se ela é extensa, os valores tendem à partilha, com menos rigidez e mais relatividade na organização hierárquica; contrariamente, (2) se a distribuição é intensa, os valores tendem ao absoluto, com hierarquizações rígidas, diminuindo a relatividade. Desse modo, valores universais opõem-se a valores absolutos.

Em termos de organização política, as propostas do socialismo utópico e das comunidades hippies exemplificam a forma extensa, enquanto as monarquias e as ditaduras, a intensa; por conseguinte, a intensidade produz valores de absoluto e a extensidade, de universo. Articulado as duas profundidades no espaço tensivo, Fontanille e Zilberberg propõem o seguinte esquema (Fontanille e Zilberberg, 2001: 47):



Há, na representação – recapitulando – duas possibilidades de articulação; em uma delas, se a intensidade diminui à medida que a extensidade aumenta ou vice-versa, forma-se a correlação inversa entre a distribuição dos valores. No poema “Dois e dois: quatro” ocorre, justamente, essa correlação; no tema político, a *liberdade* coincide com democracia e a *opressão* com o regime militar, logo, a primeira implica a exclusão da segunda.

Outra possibilidade de correlação – ainda recapitulando – é a conversa, quando o aumento da intensidade corresponde ao aumento da extensidade ou a diminuição de uma à diminuição da outra. Dessa forma, no mesmo período do poema de Ferreira Gullar, Delfim Neto, ministro da economia durante a ditadura, costumava exemplificar, metaforicamente, a distribuição de renda no Brasil segundo a correlação conversa, mediante declarações tais quais “temos de fazer o bolo crescer para depois repartir”; de

acordo com o ex-ministro, o crescimento do bolo equivaleria a concentrar a renda para, depois, repartir os lucros, ou seja, os aumentos da concentração corresponderiam a avanços na distribuição.

Em síntese, no modelo sistematizam-se as relações tensivas responsáveis por formar axiologias que, por suas vezes, garantem como os valores significam no discurso; tanto o *saber* quanto o *poder*, enquanto modos de conhecer e de agir do sujeito, tornam-se valores axiológicos, com modos de *saber* e *poder* intensos, baseados em valores absolutos, e modos de *saber* e *poder* extensos, baseados em valores universais. Para prosseguir, mediante a análise de poemas da literatura de cordel, descrevem-se os dois regimes de valorização.

a peleja de Riachão com Zé Molesta

Entre as formas da literatura de cordel, existe a peleja, quando dois cantadores disputam para decidir quem verseja melhor. Nesse versejar, pelo menos três critérios importam para resolver o combate: (1) a qualidade dos versos; (2) a presteza em responder às provocações do oponente; (3) a precisão dos argumentos. Dessa maneira, enquanto forma literária, o cordel se concentra, em regra, nas próprias fontes culturais e históricas, surgindo, eventualmente, em produções poéticas fora dos círculos tradicionais; em outras palavras, há a literatura de cordel realizada pelos cantadores populares e outra emulada por poetas do cânone literário. Nessas circunstâncias, embora os procedimentos de construção dos versos se assemelhem, o tratamento do tema muda significativamente.

Para pelejar, há condições referentes ao número de versos, à ordenação das estrofes, ao número das sílabas poéticas etc., devidamente respeitadas; no entanto, aquilo dito nessa semiótica literária difere e uma das distinções reside, justamente, na articulação dos valores e sua interferência nas dimensões cognitiva e pragmática do discurso. Sendo assim, por essa distribuição se formar em curvas tensivas, geradas entre a intensidade dos valores absolutos e a extensidade dos valores universais, verificam-se relações entre tensão, conhecimento e poder.

Para prosseguir, recorre-se à antologia da literatura popular em verso, de Manoel Cavalcanti Proença (Proença, 1986), na qual se encontra a *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo* (Proença, 1986: 294-301). Nela, aparece o tema, frequente na literatura popular, da luta entre o fiel, temente a Deus, e o Diabo; nessas polêmicas, quando o fiel se

identifica ao cantador, geralmente a narrativa assume a forma do entrevero entre ele e o demônio. Isso posto, eis os primeiros versos da peleja (Proença, 1986: 294):

Riachão estava cantando
na cidade do Açu,
quando apareceu um negro
da espécie de urubu
tinha a camisa de sola,
e as calças de couro cru.

Beijos grossos e virados
como a sola de um chinelo
um olho muito encarnado
o outro muito amarelo
este chamou Riachão,
para cantar um martelo.

Riachão disse: eu não canto
com negro desconhecido,
porque pode ser escravo
e anda por aqui fugido
isso é dar cauda a nambu
e entrada a negro enxerido.

Negro:
Eu sou livre como o vento
e minha linhagem é nobre
sou um dos mais ilustres
que o sol nesse mundo cobre
nasci dentro da grandeza,
não saí de raça pobre.

Riachão:
Você nega porque quer
está conhecido demais
você anda aqui fugido
me diga que tempo faz
se você não foi cativo,
obras desmentem sinais.

Negro:
Seja livre ou seja escravo
eu quero cantar martelo,
afine a sua viola
vamos cantar um duelo
só com a minha presença
o senhor está amarelo.

A recusa inicial de Riachão em enfrentar o oponente se baseia na distribuição rígida da hierarquia social, fundamentada em concepções de raça e de cor, nas quais há homens livres e brancos ou homens escravizados e negros. Nessa formulação social, explicitam-se, ainda, valores estéticos e éticos, pois o negro pertence ao paradigma da feiura e das manifestações disfarçadas do Diabo, desmascarado e vencido no final do embate; logo, manifestam-se valores positivos e negativos definidos absolutamente, inseridos na hierarquia capaz de separar bons e maus, segundo critérios rigorosos e imutáveis, nos quais os bons permanecem livres, brancos, belos e sinceros, e os maus, contrariamente, identificam-se a escravizados, negros, feios e farsantes.

O discurso do Negro, oponente de Riachão, concebe-se no sentido oposto, isto é, aquele dos valores universais. Nesse contexto, ao utilizar argumentos relativos para convencer Riachão a disputar consigo, o Negro revela, ao afirmar “seja livre ou seja escravo / eu quero cantar martelo”, que a hierarquia rígida, defendida por Riachão, nada significa para ele; de sua perspectiva, inverte-se a correlação entre a intensidade dos valores absolutos e a extensidade dos valores universais.

No texto, com a vitória de Riachão, euforizam-se os valores absolutos no discurso da peleja; consequentemente, tanto a dimensão cognitiva quanto a pragmática orientam-se igualmente e, dominá-las, significa vencer a peleja e realizar a performance. Na trama, Riachão vence o Diabo não somente porque se coloca em conjunção com o *saber* e o poder necessários, mas porque seu *saber* e seu poder orientam-se segundo a intensidade dos valores absolutos. Nessa situação, o *saber* de Riachão a respeito do mundo se organiza conforme os valores euforizados por ele; em outras palavras, os valores de sua visão de mundo se distribuem plenamente, mediante uma divindade imperiosa, quem governa e organiza da “realidade das coisas”, também absolutamente (Proença, 1986: 300), como se verifica nos versos seguintes:

Riachão:

Não quero saber de ti
porque tu és traidor,
desobedeceste a Deus
sendo ele o criador
fizes[s]e traição a ele,
quanto mais a um pecador.

Negro:

Riachão amas a Deus
sendo mal recompensado
Deus fez de Paulo um monarca
de Pedro um simples soldado
fez um com tanta saúde
outro cego e alejado.

Riachão:

Se Deus fez de Paulo um rei
porque Paulo merecia
se fez de Pedro um soldado
era o que [a] Pedro cabia
se não fosse necessário
o grande Deus não fazia.

Negro:

O teu vizinho e parente
enricou sem trabalhar,
teu pai trabalhava tanto
e nunca pode enricar
não se deitava uma noite
que deixasse de rezar.

Riachão:

Meu pai morreu na pobreza
foi fiel a seu senhor
executou toda ordem
que lhe deu o criador
e foi uma das ovelhas
que deu mais gosto ao pastor.

Negro:

Arre lá! lhe disse o negro
 você é caso sem jeito
 eu com tanta paciência
 estou lhe ensinando direito
 você ver que está errado,
 faz que não ver o defeito.

Riachão:

muito feliz o homem
 que com tudo se consola
 posso morrer na pobreza
 me achar pedindo esmola
 Deus me dar para passar
 ciência e esta viola.

Nas estrofes, enquanto Riachão declara o *saber*, defendendo a distribuição rígida dos valores estabelecida pela divindade em que acredita, o oponente apresenta, para cada afirmação, réplicas sancionando negativamente a injustiça dos valores absolutos e, conseqüentemente, instaurando a relatividade dos valores universais. Riachão, entretanto, não se convence pelos argumentos, declarando, no final da citação, que lhe importa a ciência, identificada, exclusivamente, com o *saber* derivado da divindade.

Já na dimensão pragmática, por sua vez, as ações de Riachão ainda se orientam pela intensidade dos valores absolutos; no final da peleja, a vitória depende de como desmascarar o oponente (Proença, 1986: 301):

O negro olhou Riachão
 com os olhos de cão danado
 Riachão gritou: Jesus!
 homem Deus sacramentado
 valha-me a Virgem Maria,
 a mãe do verbo encarnado.

O negro soltou um grito
 ali desapareceu,
 [de] uma catinga de enxofre
 a casa toda se encheu
 os cães uivaram na rua
 o chão da casa tremeu.

Riachão ficou cismado
 com cantor desconhecido
 que quando encontrava um
 tomava logo sentido
 o seu primeiro repente
 era a Deus oferecido.

Ao esconjurar o Diabo, Riachão expõe, na dimensão pragmática, o *poder* estabelecido conforme a intensidade dos valores absolutos, pois Jesus e a Virgem afugentam o Diabo em nome da hierarquia cristã, na qual tudo proveniente de Deus se torna absolutamente bom e o advindo do demônio, totalmente ruim.

Em síntese, há, na *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, numa curva de correlação inversa, *valores absolutos vs. valores universais*; nas duas profundidades, determinam-se formas de *saber* e de *poder*. Por fim, uma vez euforizada, uma das profundidades fornece as formas de *saber* e *poder* favoráveis à performance do sujeito narrativo em acordo com ela.

Isso posto, se no caso da *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo* euforizam-se valores absolutos, na *Peleja de Zé Molesta com Tio Sam* (Gullar, 1981: 198-204), de Ferreira Gullar, diferentemente, euforizam-se valores universais; uma análise do texto mostra, claramente, que tanto o *saber* quanto o *poder* associados à vitória do sujeito narrativo apontam para tal valorização.

Na segunda peleja, embora se preservem a versificação em redondilhas maiores e a alternância entre os dois cantadores, o tema muda consideravelmente quando Ferreira Gullar defende valores democráticos ao atacar o imperialismo estadunidense, responsável, por sua vez, pelo financiamento das ditaduras latino-americanas dos anos 1960, entre elas, a do Brasil. Em outras palavras, a intensidade dos valores da ditadura, nesse cordel, encontra-se contrariada pela extensidade dos valores democráticos, dessa vez euforizados, diferentemente da primeira peleja.

Nos versos, logo no início, apresentam-se Zé Molesta – o sujeito narrativo – e seu adversário Tio Sam – o anti-sujeito – (Gullar, 1981: 198-200):

Esta é a história fiel
da luta que Zé Molesta
pelejou com Tio Sam,
que começando de noite
foi acabar de manhã
numa disputa infernal
que estremeceu céus e terra:
quase o Brasil vai à guerra
e o mundo inteiro à terceira
conflagração mundial.

Zé Molesta é um Zé franzino
nascido no Ceará
mas cantador como ele
no mundo inteiro não há.
Com seis anos sua fama
corria pelo Pará;
com oito ganhava um prêmio
de cantador no Amapá;
com nove ensinava grilo
a cantar dó-ré-mi-fá;
com dez fazia um baiano
desconhecer vatapá.

Assim fez sua carreira
de cantador sem rival
vencendo poeta de feira
de renome nacional.
Venceu Otacílio e Dimas,
Apolônio e Pascoal
rindo e brincando com as rimas
numa tal exibição,
cavalgando no “galope”
da beira-mar ao sertão,
soletrando o abecedário,
montando no adversário
quadrando quadra e quadrão.

Foi então que ouviu falar
desse tal de Tio Sam.
“Tio de quem?” perguntou –
“Só se for de tua irmã!

O único tio que eu tive
salguei como jaçaná.”
Mas lhe disseram que o velho
era pior que Satã.
“Vamo nos topar pra ver
quem rompe vivo a manhã.”

Assim falou Zé Molesta
e mandou logo avisar
a Tio Sam que ficasse
preparado pra apanhar.
“Marque lugar, marque hora,
que eu canto em qualquer lugar.
Só quero que o mundo inteiro possa
a luta acompanhar
por rádio e televisão
e através do Telstar.”

Lançado o seu desafio
Zé Molesta se cuidou.
Correu depressa pro Rio
e aqui se preparou.
Falou com Vieira Pinto,
Nelson Werneck escutou
e nos *Cadernos do Povo*
durante um mês estudou.
“O resto sei por mim mesmo
que a miséria me ensinou.

Enfim foi chegado o dia
da disputa mundial.
Na cidade de New York
fazia um frio infernal.
No edifício da ONU
foi preparado o local.
Zé Molesta entrou em cena
foi saudando o pessoal:
“Viva a amizade dos povos,
Viva a paz universal!”

Tio Sam também chegou
todo de fraque e cartola.
Virou-se pra Zé Molesta
e lhe disse: “Tome um dólar,

que brasileiro só presta
para receber esmola.
Está acabada a disputa,
meta no saco a viola”.

Zé Molesta olhou pra ele,
lhe disse: “Não quero não.
Não vim lhe pedir dinheiro
mas lhe dar uma lição.
Não pense que com seu dólar
compra minha opinião,
que eu não me chamo Lacerda
nem vivo de exploração”.

Nos versos, Zé Molesta representa os povos explorados pelo imperialismo estadunidense; cearense, franzino e ensinado pela miséria, ele luta contra o símbolo do Estados Unidos da América e, derrotando-o no final, Zé Molesta promete a vitória utópica dos povos oprimidos contra o opressor. Nessas circunstâncias, Tio Sam se torna portavoz dos valores absolutos ditados pelo poder financeiro, capaz de sustentar as bases do imperialismo econômico, enquanto Zé Molesta, por seu turno, defende os valores universais contrários.

Nesse contexto, em sua saudação, Zé Molesta celebra a amizade dos povos e a paz universal; distribuindo a fraternidade e o socialismo, ele combate o absolutismo dos valores econômicos de Tio Sam, expresso na ofensa “Tome um dólar, / que brasileiro só presta / para receber esmola. / Está acabada a disputa, / meta no saco a viola”. Conseqüentemente, na dimensão cognitiva da peleja, Zé Molesta articula o *saber* em torno de valores relativos (Gullar, 1981: 202-204):

Tio Sam disse a Molesta:
“Chega de conversação.
A moléstia que te ataca
já matou muito ladrão.
Você quer roubar meu ouro
e dividir meu milhão.
Comunista em minha terra
eu mando é para a prisão”.

“Ora veja, minha gente,
como esse velho é safado!
Apela pra ignorância
quando se vê derrotado.
Não quer que eu diga a verdade
sobre meu povo explorado.
Quer me mandar pra cadeia
quando ele é o culpado.”

“Vocês são todos bandidos,
chefiados por Fidel
– disse Tio Sam bufando,
da boca vertendo fel
– Querem transformar o mundo
num gigantesco quartel,
pondo os povos sob as botas
da ditadura cruel.”

“Essa conversa velhaca
não me faz baixar a crista
– disse Molesta – Me diga
quem foi que apoiou Batista?
Você deu arma e dinheiro
a esse ditador cruel
que assassinava, roubava
e torturava a granel.
Por que era amigo dele
e agora é contra Fidel?

“Você diz que é contra Cuba
porque é contra ditadura.
Será que na Nicarágua
há democracia pura?
Se você luta no mundo
pra a liberdade instalar
por que é amigo de Franco,
de Stroessner e de Salazar?
A verdade é muito simples
e eu vou logo lhe contar.

Você não quer liberdade,
você deseja é lucrar.
Você faz qualquer negócio
desde que possa ganhar:

vende canhões a Somoza,
aviões a Salazar,
arma a Alemanha e Formosa
pro mercado assegurar.

Tio Sam, de seu ponto de vista, mostra outro *saber*, distinguindo quem mantém a propriedade privada, por isso identifica comunistas com ladrões, ratificando valores absolutos; alvo de acusações, Zé Molesta é desqualificado por Tio Sam por querer partilhar o ouro, concentrado com intensidade no capitalismo, e por ser comunista, quer dizer, pela militância política de quem luta pela distribuição da riqueza, logo, pela extensidade financeira.

Zé Molesta, no entanto, replica com valores relativos. Para Tio Sam, todo comunista se revela ditador; seu oponente, porém, não confunde sistema econômico com regime político quando, argumentando, o cearense se vale do *saber* para relativizar as duas ordens sociais, mostrando o quanto o *saber* absoluto de Tio Sam se revela mal articulado ao atacar Fidel Castro e ao apoiar Fulgencio Batista. Dessarte, nas dimensões cognitivas do discurso, Zé Molesta vence por, justamente, vincular o *saber* aos valores de universais, no caso, euforizados no discurso da peleja.

Por fim, a mesma articulação se repete nas dimensões pragmáticas e na organização do *poder* (Gullar, 1981: 204):

Nessa altura Tio Sam
já perdera o rebolado.
Gritou: “Chega de conversa,
que estou desmoralizado!
Desliguem a televisão,
deixem o circuito cortado.
Mobilizem os fuzileiros,
quero esse ‘cabra’ amarrado.
Vamos lhe cortar a língua
pra ele ficar calado”.

“Eta que a coisa tá preta!
– disse pra si Zé Molesta –
Como estou na casa dele,
é ele o dono da festa.
Tenho que agir com cuidado
pra ver se me escapo desta.”

E foi um deus-nos-acuda
 barafunda, corre-corre.
 Molesta pulou de lado.
 “Quem não for ligeiro morre.
 Pra me entregar pra polícia
 só mesmo estando de porre.”
 Pulou por cima das mesas,
 por debaixo das cadeiras.
 Deu de frente com dois guardas,
 passou-lhes duas rasteiras.

Gritou: “Abre, minha gente,
 que eu vou jogar capoeira!”
 Abriu-se um claro na sala
 dividiu-se a multidão.
 Rolou gente, rolou mesa,
 rolou guarda pelo chão.
 Em dois tempos Zé Molesta
 sumira na confusão.

Ratifica-se, enfim, o quanto as atitudes de Tio Sam se ditam por valores absolutos; quem não concorda com suas políticas fascistas, ele manda prender e calar, expressando, no fazer pragmático, poder absolutista. Zé Molesta, contudo, ao relativizar a situação, analisa: “Eta que a coisa tá preta! / (...) / Como estou na casa dele, / é ele o dono da festa. / Tenho que agir com cuidado / pra ver se me escapo desta.”. Conscientemente, seu fazer se dita pelas circunstâncias, por isso, vale-se do *poder* para fugir e não para atacar frontalmente o inimigo; por fim, contrariamente à Riachão, Zé Molesta defende outro regime de valores, com o qual orienta o *saber* e o *poder* necessários para realizar a performance, vencendo a peleja.

conclusão

Nos dois cordéis, aparece a relação tensiva dos valores em absolutos e universais, mediante a qual se determinam formas de *saber* e de *poder* orientadas segundo a distribuição dos valores. Desse ponto vista, o conhecimento e o capacidade derivam da tensão estabelecida, ora inversa ora conversa, entre as duas profundidades da axiologia

do discurso; deve-se considerar, ainda, a sensibilização, pois tanto a intensidade quando a extensidade da distribuição dos valores, quando euforizada, encaminha *saberes* e *poderes* com maior ou menor grau de ajuste para o sujeito narrativo realizar a performance.

Enfim, em abordagens semióticas, essa é uma das sistematizações possíveis entre tensão, conhecimento e poder; relações, cabe lembrar, nunca absolutas, mas sempre passíveis de reformulação e escolha por parte dos sujeitos históricos, conforme são as escolhas de Riachão e do Tio Sam, do Diabo e de Zé Molesta.

bibliografia

BARROS, D. L. P. de (1988). *Teoria do discurso, fundamentos semióticos*. São Paulo:

Atual.

FIORIN, J. L. (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.

FONTANILLE, J. e ZILBERBERG, C. (2001). *Tensão e significação*. São Paulo:

Humanitas.

GULLAR, F. (1981). *Toda poesia*. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PROENÇA, M. C. (1986). *Literatura popular em verso / Antologia*. São Paulo: EDUSP.